

# **A PESCA ARTESANAL EM NATAL-RN: DAS RELAÇÕES ENTRE TRABALHO, CULTURA E LAZER**

**Sandoval Villaverde MONTEIRO (1); Ana Claudia Mafra da FONSECA (2); Edna Barreto das NEVES (3); Luiz Ricardo Linhares Teixeira de MELO (4)**

(1) Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Rua Dom Joaquim de Almeida, 2076 – Bloco B – 604 - Natal - RN, E-mail: sandoval.villa@ifrn.edu.br

(2) Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Rua Dom Joaquim de Almeida, 2076 – Bloco B – 604 - Natal – RN, E-mail: ana.mafra@ifrn.edu.br.

(3) Aluna do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, E-mail: cursodomingo@gmail.com

(4) Aluno do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, E-mail: luizrltdm@gmail.com

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como propósito a análise das práticas culturais de trabalho e lazer ligadas à pesca em Natal, com enfoque especial para a pesca artesanal praticada por comunidades tradicionais. Trata-se de parte de uma pesquisa iniciada em 2008, a qual envolve o levantamento de dados quantitativos e o estudo qualitativo sobre a pesca no Estado. Nesta etapa da pesquisa, investigou-se as práticas culturais da vida cotidiana de tais comunidades, especialmente enfocando aquelas ligadas ao trabalho e ao lazer. O estudo utilizou como procedimentos metodológicos a pesquisa exploratória de caráter etnográfico, valendo-se, como técnicas, do registro escrito, visual e em vídeo, com enfoque especial, nesta etapa, para entrevistas semi-estruturadas realizadas com pescadores da praia de Ponta Negra. Os resultados obtidos apontam que, mesmo inseridos num contexto sócio-econômico e cultural cada vez mais contrário às suas formas tradicionais de trabalho e convívio social, os pescadores artesanais surpreendem com sua capacidade de resistência, muitas vezes velada, à ordem social dominante. As experiências pessoais desses pescadores sugerem, por fim, mudanças na forma de vivenciar o tempo, buscando superar as barreiras existentes entre o trabalho e a vida.

**Palavras-chave:** Pesca artesanal, pesca em Natal, cultura, trabalho, lazer.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho trata de um estudo etnográfico das práticas sociais de comunidades tradicionais que vivem da pesca artesanal no entorno de áreas urbanas da cidade de Natal-RN, buscando refletir especialmente sobre as relações entre lazer, trabalho e sociabilidade nessas comunidades. Tem, como propósito, dar prosseguimento à realização do mapeamento e registro dos espaços e das práticas culturais de trabalho e lazer ligadas à pesca na cidade de Natal-RN, com enfoque especial para a pesca artesanal praticada por comunidades tradicionais.

Dando continuidade à pesquisa executada em 2008, a qual envolveu especialmente o mapeamento dos espaços de pesca e o levantamento de dados quantitativos sobre a atividade na cidade de Natal-RN, nesta etapa os esforços se voltaram para um registro qualitativo da pesca, como forma de complementar os dados já obtidos anteriormente. Nesta direção, para além do mapeamento dos espaços litorâneos/estuarinos usualmente escolhidos para a pesca e do registro dos tipos de pesca e equipamentos mais comuns utilizados, fase já concluída da pesquisa, pretendeu-se investigar as práticas culturais da vida cotidiana de tais comunidades, especialmente enfocando aquelas ligadas ao trabalho e ao lazer.

Com a intenção de problematizar o mundo do trabalho e do não-trabalho entre pescadores artesanais, assim como os laços de sociabilidade construídos a partir da lida com a atividade da pesca, este trabalho teve como objetivo apreender o modo como essas dimensões da vida cotidiana são articuladas nesses grupos sociais, sobretudo destacando os tencionamentos, limites e potencialidades de tal articulação.

Buscou-se, também, compreender as práticas culturais ligadas ao trabalho e ao lazer de comunidades tradicionais de pescadores que, não raro, estão à margem dos processos econômicos, das práticas sócio-políticas e da cultura oficial. A partir da observação sistemática e das próprias falas dos pescadores, esta pesquisa objetivou complementar uma espécie de cartografia da pesca artesanal na cidade de Natal, atenta à descrição pormenorizada das práticas sociais a ela relacionadas, e preocupada em compreender as nuances da vida cultural, do trabalho e do lazer das comunidades pesqueiras. A praia de Ponta Negra, neste momento da pesquisa, foi tomada como campo referencial por abrigar uma comunidade de pescadores artesanais que, em face ao desenvolvimento urbano e permanente contato com práticas sociais e econômicas hegemônicas, ainda mantém muitos de seus antigos modos de vida, demonstrado uma adequação a esta imperante realidade sem, no entanto, perder suas características tradicionais.

Com este campo de problematização, o texto está estruturado em seções: referencial teórico; descrição da pesca em Natal; os pescadores de Ponta Negra (dados sobre a pesquisa e entrevistas); e resultados obtidos. Para finalizá-lo, são tecidos breves comentários sobre a relação entre trabalho e lazer na perspectiva das culturas e dos modos de vida das comunidades tradicionais.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

As comunidades que aqui são designadas “tradicionais”, adotando o termo criado por Antônio Carlos Diegues (1983), são formadas por pessoas cujas atividades de trabalho não apenas se encontram atreladas ao manejo do meio ambiente, mas, sobretudo, mediadas por relações históricas, sociais e, conseqüentemente, culturais, como é o caso dos pescadores artesanais. Na cidade de Natal, assim como ao longo de todo o litoral do Rio Grande do Norte, é possível encontrar muitas dessas comunidades que, mesmo inseridas e adaptadas a um contexto urbano, têm na pesca artesanal sua principal atividade de subsistência, como é o caso das famílias de pescadores da Vila de Ponta Negra e da praia da Redinha.

A pesca artesanal se caracteriza pela mão de obra familiar e pela participação de todas as etapas da atividade, que é realizada em embarcações de pequeno porte, geralmente em áreas próximas à costa, em rios ou lagoas. Os equipamentos e utensílios de pesca provêm, em sua maioria, de fabricação artesanal, muitos deles, inclusive, adaptados para a atividade. Os conhecimentos ligados à pesca são transmitidos de geração a geração ou através da observação direta. Apesar da inserção de instrumentos de apoio à navegação, como o GPS, ou de tração de linha, como o guincho ou talha, a pesca artesanal ainda se caracteriza pelo trabalho manual e pelo saber tradicional, no que se refere ao conhecimento de pesqueiros ou à orientação para navegação, que se dá através, por exemplo, de alinhamento de pontos e conhecimento das estrelas.

O contato com a realidade das condições de trabalho dos pescadores possibilita o diálogo com camadas sociais que têm sofrido transformações advindas de mudanças nos modos de produção e de novas relações sociais que se estabelecem em decorrência dessas mudanças (FONSECA, 2005). Sabe-se que as condições adversas de sobrevivência em um espaço cada vez mais abalado pelas transformações sociais é um fator imediato de fragmentação das práticas culturais destas comunidades, sobretudo no que se relaciona ao trabalho e ao lazer. O descaso das autoridades locais, a degradação ambiental em decorrência da exploração extensiva do território – neste caso por atividades não ligadas à pesca, como é o caso do turismo e do próprio processo de urbanização da cidade –, as transformações sociais advindas das mudanças nos modos de produção passam a nortear, dentro das comunidades, a vida e as relações com o trabalho e com o lazer. Dessa forma, os bens culturais materiais e imateriais sofrem os efeitos desse quadro de transformações, os quais correm o risco de se descaracterizar ou mesmo desaparecer sem ao menos serem conhecidos por outros segmentos da sociedade.

Ao analisar as condições de vida das comunidades de pescadores natalenses, enfocando sua cultura, suas condições de trabalho e suas formas de lazer, suas dificuldades e anseios, a presente pesquisa procura dar sua contribuição social, à medida que dará voz aos próprios membros da comunidade. Torna-se possível, a partir daí, não somente subsidiar a formatação de políticas públicas para o setor da pesca no Estado, mas ainda oferecer algum suporte à comunidade no sentido da mobilização popular em torno de ações comunitárias reivindicatórias, a partir do próprio reconhecimento de seus problemas e reais necessidades.

### **3. DESCRIÇÃO DA PESCA EM NATAL**

O trabalho aqui referenciado utilizou como procedimentos metodológicos a pesquisa exploratória de caráter etnográfico, valendo-se, como técnicas, do registro escrito, visual e em áudio, articulado a entrevistas semi-estruturadas com pescadores artesanais da cidade.

A pesca artesanal em Natal é praticada numa área espacial que compreende 17 quilômetros de litoral, medidos da praia de Ponta Negra até a praia da Redinha, e 4,1 quilômetros da área estuarina do rio Potengi, a partir do Forte dos Reis Magos até a comunidade do Passo da Pátria, no bairro do Alecrim.

Em visitas a áreas costeiras e estuarinas foi feito um mapeamento inicial de áreas e espaços de pesca, além de registros visuais acerca de tipos de embarcações, equipamentos e pescadores em atividade. Em área fluvial (Passo da Pátria) foi realizada uma visita com o objetivo de registro visual da área, dessa vez acompanhada por um pescador que conduziu a equipe em um passeio de canoa pelo rio Potengi, indo do Passo da Pátria até a proximidade da Capitania dos Portos e depois até a Base Naval. Durante o percurso, esse pescador forneceu muitas informações sobre a pesca naquele espaço. Foram feitas também visitas a órgãos ligados à pesca (Capitania dos Portos e Colônia de Pescadores), para coleta de dados referentes ao número aproximado de pescadores e embarcações existentes na cidade, às formas de organização dos pescadores, ao tipo de assistência dada da essa classe de trabalhadores, etc. Os dados e as descrições da pesca, presentes neste artigo, estão relacionados às informações dadas pelos pescadores e aos registros realizados pela equipe de pesquisa durante as idas a campo.

Considere-se as denominações “Área de pesca” para o espaço compreendido pelo bairro, em sua zona limítrofe com as águas litorâneas, fluviais ou estuarinas, e “Espaço de pesca” o ponto geográfico exato, nessas áreas, onde são encontrados equipamentos de pesca (barcos, redes, depósitos), comprovação e/ ou indícios da atividade pesqueira (observação de pescadores exercendo a atividade nas idas a campo, indicação de locais onde se exerce a pesca através de informações colhidas com os pescadores). Foram levantadas e registradas, durante a pesquisa, sete áreas de pesca: Ponta Negra, Areia Preta, Forte, Rocas, Ribeira, Passo da Pátria e Redinha, sendo as Rocas, a Ribeira e o passo da Pátria, áreas fluviais situadas à margem direita do Potengi; Ponta Negra e Areia Preta, áreas litorâneas; e Redinha, área estuarina situada à margem esquerda do Potengi. As outras áreas levantadas através de depoimentos dos pescadores, mas não registradas visualmente pela equipe de pesquisa, compreendem as Quintas, o Bairro Nordeste, Felipe Camarão e Guarapes, todas situadas à margem direita do Rio Jundiá e do Rio Potengi.

Cumprе frisar ainda a importância, para a pesquisa, de travar contato com pescadores que, durante as idas a campo, se encontravam nas localidades visitadas. Tal contato se deu através de conversas informais e entrevistas semi-estruturadas, muitas delas registradas através de gravação em áudio e imagem. Alguns pescadores forneceram informações importantes que ajudaram na condução da própria pesquisa, apontando, por exemplo, órgãos e instituições ligadas à pesca, nos quais seria possível obter dados quantitativos sobre a situação da atividade na cidade. Outros ajudaram no processo de descrição da atividade pesqueira, na medida em que: a) apresentavam dados qualitativos sobre as condições sociais de trabalho e de vida do pescador; b) descreviam os equipamentos e utensílios com os quais trabalhavam; c) estabeleciam distinções entre os diferentes tipos de pesca praticados; e d) identificavam as espécies aquáticas mais comuns no rio e no mar.

### **4. PESCADORES DE PONTA NEGRA**

Ponta Negra é a primeira das seis praias urbanas da cidade de Natal, na extensão sul-norte, sendo também a área mais frequentada pelos turistas que procuram a cidade. A praia é uma espécie de pequena baía, com águas quentes e ondas calmas na maior parte do ano. No extremo sul desta praia fica localizado o Morro do Careca, o ponto turístico mais famoso de Natal. Em direção ao norte, percorrem-se aproximadamente dois quilômetros até o início da Avenida Erivan França, trecho à beira mar repleto de bares, restaurantes, hotéis, pousadas, boates, pequenas galerias, etc.

Com cerca de 4 km de extensão, essa área de pesca abriga três espaços, sendo dois localizados nas proximidades do Morro do Careca e um logo no início da Avenida Erivan França. Esses espaços são visualizados em meio a barracas, ambulantes, frequentadores locais e turistas. Os espaços de pesca, aqui designados, compreendem, como já foi dito anteriormente, os pontos geográficos exatos onde são encontrados equipamentos de pesca (barcos, redes e barracões). Em uma área logo acima dessa orla, mais

localizada próximo ao alto do morro, encontra-se a Vila de Ponta Negra, povoado habitado por moradores de classes média e baixa. É na Vila onde se concentram as famílias dos pescadores de Ponta Negra, muitos deles descendentes dos primeiros moradores dessa região. Até a década de 80, aliás, quando foi urbanizada, Ponta Negra era conhecida apenas como o local de trabalho de pescadores e local de lazer dos natalenses. Com o planejamento do bairro e a urbanização da orla, a praia passou a atrair cada vez mais investidores estrangeiros (principalmente italianos, portugueses e outros europeus), que começaram a investir ali, em atividades ligadas à diversão e à hospitalidade.

A pesquisa na praia de Ponta Negra ficou concentrada nestes três espaços de pesca levantados durante a etapa da pesquisa referente ao mapeamento geográfico da pesca em Natal, além da própria Vila, onde foi possível encontrar a maioria dos pescadores que participaram das entrevistas – outros conversaram com a equipe na praia, enquanto observavam o mar, faziam reparos nos barcos ou consertavam seus equipamentos de pesca. Para a obtenção dos dados, utilizou-se, como técnicas, a observação sistemática da vida cotidiana dos pescadores, além do registro escrito, visual e em áudio, sobretudo relacionado às conversas e entrevistas com os pescadores. Convém ressaltar que na etapa anterior foi realizada uma extensa pesquisa bibliográfica e visitas para coleta de dados em órgãos ligados à pesca no Estado. Este material subsidiou a presente etapa de trabalho.

Embora não houvesse um número pré-fixado de pescadores a serem entrevistados, considerou-se uma quantidade de entrevistas proporcional ao atendimento dos objetivos da pesquisa e de acordo com a saturação das informações a serem coletadas. O processo de coleta dos dados, de fato, foi bastante facilitado, especialmente pelos contatos já estabelecidos com as colônias, associações de pesca e com os próprios pescadores mais antigos do município, por ocasião da primeira fase da pesquisa.

As entrevistas do tipo semi-estruturadas em torno um roteiro composto de nove questões pré-formuladas pela equipe de pesquisa foram registradas em suporte áudio e, em alguns momentos, em suporte áudio-visual. Além de dados de identificação e permissão para o registro das entrevistas, os questionamentos colocados aos pescadores abordavam os seguintes aspectos: 1) tempo de envolvimento com a pesca; 2) tipos de pesca praticados pelos pescadores; 3) relação da pesca com o trabalho; 4) trabalho e tempo livre; 5) relações entre trabalho, lazer e divertimento; 6) existência de eventos populares nas comunidades (e grau de envolvimento ou participação nesses eventos); 7) vivência dos momentos de lazer no dia-a-dia; 8) participação de outros membros da família na atividade da pesca; e 9) participação em entidades locais ligadas à pesca. Além dessas questões, os pescadores também falaram espontaneamente das principais dificuldades relativas ao trabalho e necessidades da comunidade que não são atendidas pelas políticas públicas.

As questões colocadas em forma de perguntas para os pescadores serviram como pontos de partida para as entrevistas semi-estruturadas, de forma que os entrevistados não apenas respondiam-nas, mas falavam também de outros assuntos, os quais também foram registrados, configurando-se, assim, uma forma de diálogo entre os entrevistadores e os entrevistados.

#### **4.1 Entrevistas**

Foram, ao todo, coletadas dez entrevistas semi-estruturadas com pescadores ativos da praia de Ponta Negra, na faixa etária dos 21 aos 57 anos, não computados os encontros que não foram registrados, mas que foram de suma importância para propiciar a aproximação dos pesquisadores com a comunidade. Os pescadores, na ordem de realização das entrevistas, foram os seguintes: 1) Almir (Bigô), 34 anos; 2) Claudionor (Nôna), 45 anos; 3) Aroldo Lins Rodrigues (Caito), 50 anos; 4) José Nascimento da Silva (Dedé de Dora), 46 anos; 5) Francisco Severino Monteiro (Chico Pequeno), 57 anos; 6) Renato Rodrigues Araújo (Boquinha), 36 anos; 7) João Batista Varela Silva (Galeguinho), 30 anos; 8) João Marcos da Costa (Uão), 46 anos; 9) Renan Martins Cavalcanti (Gordinho), 21 anos; 10) Francisco Peixoto Vieira (Neguinho), 34 anos.

As primeiras entrevistas foram filmadas na casa do pescador Almir (Migô). Nesse dia todo o grupo estava presente. Chegando à praia, pela manhã, a equipe encontrou o pescador consertando uma rede de cerco. As entrevistas foram feitas com o próprio Migô e com seu irmão, Claudionor (Nôna), que também estava lá. Estas conversas foram gravadas em vídeo, porém, devido a problemas técnicos no equipamento de filmagem, as imagens não apresentaram a qualidade desejada.

Dias após, a equipe realizou uma entrevista com um dos pescadores mais antigos da praia atualmente, Aroldo Lins Rodrigues (Caito). Esse pescador tem 50 anos e pesca desde os 10 anos. Assim como Caito, muitos pescadores relatam que começaram a pescar desde criança pela influência do pai. Esse é, também, o

caso de Aroldo. Ele, além de pescador, também trabalha para prefeitura como vigia de escola. Disse que a renda é parecida, mas gosta mais da pesca. Quando questionado sobre a pesca, ele disse: “o mar estando bom, todo dia se vai. Vou no dia de folga. Um dia pega mais, um dia pega menos, é uma loteria.” Essa frase resume bem a rotina do pescador. Ele trabalha quando quer, quando precisa de dinheiro ou quando o mar está favorável. Por isso que muitos deles comentam que seu lazer está vinculado à pesca. Sobre o tempo livre, disse Caito: “se não tiver no trabalho nem em casa, eu estou aqui.” O “estar aqui” significa o divertimento deles, que é conversar com os amigos na praia, “tomar uma” na casa deles ou nos bares da vila de Ponta Negra. Mas Aroldo, um dos pescadores entrevistados, disse logo que não bebia, o que indica que nem todos são afeitos a esse tipo de diversão. Quando foi pedido para ele falar sobre o que pescador de Ponta Negra está precisando, Caito ressaltou a importância da implantação de um sistema de cooperativa, para fornecer o peixe por um valor mais justo para o pescador, já que a matéria prima para quem trabalha com a pesca é muito cara.

O pescador Francisco Peixoto Pereira (Neginho), de 34 anos, falou um pouco mais da importância de uma cooperativa para os pescadores de Ponta Negra. Em entrevista, a fala desse pescador reflete a opinião da maioria: “[uma cooperativa] melhoraria muito, o que a gente está precisando muito aqui mesmo é de uma cooperativa para comprar o peixe e acabar com a atuação dos marchantes. Os marchantes não pagam direito, com a cooperativa não ia ter preocupação, porque vamos para o mar pensando quando vamos receber. O tempo que tinha as barracas o peixe da gente tinha mais saída.” Fica claro, portanto, a urgência dessa cooperativa, já que todos relataram essa mesma necessidade. No entanto será preciso a união dos pescadores de lá em conjunto com a atuação dos órgãos representativos, tanto da colônia como do governo.

João Marcos da Costa (Uão) de 46 anos, foi outro pescador de Ponta Negra entrevistado pela equipe de pesquisa. Ele, assim como a maioria, é vinculado à colônia dos pescadores de Natal presidida por Rosângela Nascimento. Sobre a atuação dela há muita divergência de opinião entre os pescadores. Alguns dizem que é boa, outros dizem que é mais ou menos e há aqueles que dizem que ela não faz nada. Isso se deve a um dos problemas constatados na pesquisa que está ligado ao período de defeso, no qual os pescadores de lagosta obtêm o direito de receber um seguro no valor de um salário mínimo por quatro meses, que vai de janeiro a abril. Porém, essa falha é devido à burocracia estatal. Neginho é um dos que não recebem, apesar de pescar lagosta. Ele afirmou que não recebe “porque as licenças são poucas, aqui tem uns que recebem outros não.” Isso reflete a falta de compromisso da prefeitura em regularizar essa situação emergencial que comprova a negligência do poder público para com a população. Uão relata sua insatisfação dizendo que “tem muita coisa errada. Do jeito que estão falando esses pacotes não poderão ficar mais aqui. Estão falando que vai passar um calçadão. O Governo deveria investir em locais para guardar os instrumentos”.

É por esses e outros fatores que os pescadores não querem mais que seus filhos continuem no trabalho que eles praticam e praticaram durante toda vida. Muitos querem que eles estudem e tenham uma vida melhor. Apesar de gostarem da pesca em si, não acreditam que ela dure por muito tempo se a situação de marginalização social do pescador continuar. Por isso que eles preferem que seus filhos não enveredem na pesca. Uão, ao ser perguntado se gostaria que seus filhos trabalhassem com pesca assim respondeu: “não, quero não, eles podem arrumar um melhor. Pra mim que sou velho fica difícil arrumar outra coisa, mas eles podem estudar e arrumar coisa melhor”. Essas são as mesmas palavras de Neginho. Já o do pescador Renan, de 21 anos, trata-se de um caso atípico. Ele não tem nenhum parente envolvido com a pesca, disse que começou a pescar porque gostava de observar os pescadores quando era pequeno. Quando foi perguntado a ele se a pesca é seu trabalho, respondeu da seguinte forma: “pra mim é. Sempre foi. Me sinto bem. Tem gente que não gosta, mas eu gosto. Pescaria é como se fosse um jogo. Pescaria é um jogo! Hoje você ganha, amanhã você perde. Depende daquele lá de cima.” Perguntado ainda sobre seu lazer, responde como os mais velhos e diz: “fico ajeitando minha rede, ajeitando o material da jangada pra deixar tudo pronto”.

## **5. RESULTADOS OBTIDOS**

Os dados preliminares apontam uma faixa etária entre os pescadores que varia entre 21 e 57 anos de idade, com tempo de envolvimento na atividade variando entre dez a quarenta anos. Alguns relataram que o início da lida com a pesca aconteceu na infância, por influência dos pais, também pescadores, e de outras pessoas da vizinhança que praticavam a atividade.

Quanto aos tipos de pesca praticados entre os pescadores de Ponta Negra, dois se destacam como principais: a pesca com rede, especialmente as “caçoeiras”, e a pesca com linha de mão. Embora a pesca com linha de mão possa ocorrer entre um lançamento da rede e o seu recolhimento, a pesca com rede é prioridade entre os pescadores, uma vez que conseguem um melhor resultado em suas capturas.

Excetuando-se um dos entrevistados, o qual afirmou possuir outra ocupação profissional além da pesca, os demais consideram a atividade pesqueira como o seu espaço de atuação profissional, o seu trabalho. A comercialização do pescado se dá principalmente através da venda a atravessadores, e essa realidade suscita muitas reclamações, já que o pescado é vendido a um preço muito abaixo do mercado a atravessadores que, na ótica dos pescadores, não exercem a atividade – pois não pescam, não vão para o mar –, mas vivem de comprar barato o peixe para revendê-lo ao consumidor final, muitas vezes pelo dobro do valor dado ao pescador. Dos entrevistados apenas dois, da mesma família, afirmaram que a negociação do pescado é feita por uma das irmãs, sendo todas as etapas da atividade realizadas por membros dessa família.

Excetuando-se reclamações sobre o comércio injusto para o pescador, a desunião da classe e a falta de um espaço para que o pescador possa armazenar e comercializar o peixe, tal como uma cooperativa, há um sentimento comum de pertencimento e orgulho entre os pescadores em relação ao seu ofício, não raro tratado como uma arte aprendida com seus ancestrais, embora muitos não deixem de ressaltar as grandes dificuldades que enfrentam em sua lida.

Quando perguntados sobre o uso que fazem do tempo liberado das suas ocupações com a atividade da pesca, ou seja, se possuem e o que fazem em um eventual “tempo livre”, os entrevistados apontam com frequência atividades também ligadas à pesca. Assim, o conserto de uma rede, a limpeza do casco de seu barco, a conversa com os colegas na praia são atividades tidas como lazer, ou pelo menos não estão revestidas de um sentimento de obrigação, sendo descritas como algo prazeroso.

Sobre o que fazem quando querem se divertir, os pescadores deram respostas variadas, indo desde atividades ainda relacionadas à pesca, ao futebol do fim de semana com os companheiros de pesca, e até uma “cachacinha” com os amigos. Foi destacada ainda a participação de membros das famílias dos entrevistados (irmãos e irmãs, filhas, sobrinhas, mulheres) em grupos organizados que se apresentam nas festas populares existentes na Vila de Ponta Negra, tais como o Boi-de-Reis, o Congo de Calçolas, o Bambelô e o Pastoril. Destaque também foi dado à participação dos pescadores em uma regata anual, realizada no final do ano, envolvendo as embarcações, e à doação do pescado às crianças de baixa renda, o que acontece no dia seguinte a essa regata. A regata anual é um evento que marca a participação dos pescadores nas festas em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira do município.

Com relação ao envolvimento em órgãos ligados à pesca, todos os entrevistados afirmam sua vinculação à colônia de pescadores, e muitos destacam positivamente a atuação de sua atual presidente, muito embora haja sempre uma ou outra crítica aos procedimentos e critérios ligados aos programas de assistência, assim como as políticas públicas voltados ao setor.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A forma peculiar como os pescadores artesanais lidam com o tempo e suas atividades profissionais ligadas à pesca talvez seja um dos aspectos mais instigantes da vida cotidiana dessas comunidades. O convívio cotidiano com pescadores artesanais, somado ao olhar permanentemente atento às questões ligadas ao lazer, não raro podem levar a uma inevitável inquietação sobre as particularidades daquele modo de vida, em grande medida provocador.

O aspecto provocativo do modo de vida do pescador artesanal provém, entre outras coisas, da forma como estes trabalhadores lidam com o tempo em suas vidas cotidianas, um aspecto central quando se pensa as questões do lazer e do próprio trabalho. Em meio a um contexto sócio-econômico e cultural cada vez mais contrários às suas formas tradicionais de trabalho e convívio social, e cada vez mais submetidos a um desagregador processo de “asepsia espacial” provocado pela expansão urbana e pela especulação imobiliária, os pescadores artesanais surpreendem com sua capacidade de resistência, muitas vezes velada, à ordem social dominante.

Se na atual dinâmica social a regra é viver a dimensão temporal de maneira cada vez mais compulsiva, evidenciando claramente a ruptura entre tempo de trabalho e de não-trabalho, os sujeitos que lidam com a

pesca artesanal, embora também inseridos neste contexto, apresentam uma lógica bastante própria no trato com tais dimensões da vida cotidiana.

Como se sabe, o tempo destinado ao trabalho, ao descanso e à diversão nas comunidades tradicionais estava atrelado preponderantemente aos ciclos da natureza, expressos nas estações do ano, nas fases da lua, nos períodos das colheitas, nas festas religiosas, entre outros fenômenos naturais e culturais. Neste contexto, tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, além de não estarem submetidos a uma mensuração artificializada e linear de tempo, apresentavam-se estreitamente imbricados, evidenciando sua indissociabilidade.

Como discute Norbert Elias (1998), citado por Antunes (2000, p. 175), as sociedades modernas instauram uma nova lógica na qual “o tempo exerce de fora para dentro, sob a forma de relógios, calendários e outras tabelas de horários, uma coerção que se presta eminentemente para suscitar o desenvolvimento de uma autodisciplina nos indivíduos”. Dessa forma, ela opera uma pressão relativamente discreta, que também é desprovida de violência, uniforme e comedida, mas nem por isso deixa de ser onipresente e da qual nem sempre se pode escapar.

É neste contexto, e especialmente a partir da Revolução Industrial, que a ruptura entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho passa a se apresentar com maior nitidez. E neste sentido o lazer deve ser compreendido como um fenômeno historicamente situado, tipicamente moderno, resultante das tensões estabelecidas entre capital e trabalho e, conseqüentemente, perpassado por relações de hegemonia. Trata-se de um *locus* de organização de cultura, materializando-se num tempo-espço de vivências lúdicas (MASCARENHAS, 2003).

O que o estudo da comunidade de pescadores artesanais parece evidenciar é que, apesar de imersos na lógica contemporânea que tornou ainda mais agudo o imperativo do tempo cronometrado e produtivo, é possível encontrar ali traços bastante vivos de uma relação com o tempo típica das comunidades tradicionais pré-modernas. Neste sentido, suas atividades laborativas, além de dependentes e integradas aos ciclos da natureza, aparecem estreitamente associadas às demais dimensões da vida cotidiana (lazer, relações familiares, sociabilidade, festas, etc.), não raro se revestindo de características lúdicas.

Isto não quer indicar, obviamente, que as esferas do trabalho e do lazer, no mundo da pesca artesanal aqui enfocado, possam ou devam ser tratados como dimensões indiferenciadas, por mais que a lida com a pesca possa ser revestida de ludicidade. Por mais lúdica que a relação com a pesca possa ser, trata-se de uma atividade laborativa que garante, na maioria das vezes sozinha, o sustento da família, perdendo assim o caráter de gratuidade e livre escolha, pressupostos da experiência de lazer. Ademais, conforme observam Pires e Antunes (2007), parece mesmo indesejável o “embaralhamento” entre as esferas do trabalho e do lazer, exatamente pelo risco de vermos ameaçado o caráter “desinteressado” e gratuito deste último diante das imposições e exigências do mundo do trabalho.

Em todo caso, ao viver o seu mundo de trabalho e ao falar sobre ele, o pescador artesanal o dota de um sentido tal cujas características se aproximam bastante do que hoje podemos associar à experiência de lazer: ludicidade, prazer, liberdade, gratuidade, fruição, etc.

É claro que tais características são bastante relativas, pois estamos falando de uma atividade diretamente ligada à subsistência, não permitindo nem de longe uma livre escolha, e que muito frequentemente não passa de mais um trabalho precarizado do mundo capitalista, especialmente quando o pescador encontra-se empregado na pesca profissional. No caso da pesca artesanal praticada na praia de Ponta Negra, essa precarização não deixa de ser atenuada pelo fato de que a maioria dos pescadores é proprietária dos meios de produção de seu trabalho (embarcação, redes, anzóis, etc.), e tem conseguido manter suas residências relativamente próximas aos locais onde ficam suas embarcações, vivendo de forma intensa suas atividades laborativas ligadas à pesca.

Por outro lado, fica evidente que os pescadores da Vila de Ponta Negra, ao passo que assimilam e assumem modos de vida representativos do mundo urbano, incorporando-os pela própria necessidade de sobrevivência, continuam vivenciando de forma tradicional suas relações com o meio ambiente, suas práticas culturais, suas atividades no tempo de trabalho e no tempo livre. Mas é preciso deixar claro que, no caso de Ponta Negra, existem também forças externas que promovem o reconhecimento da identidade dos pescadores: as ONGs que, atuando na Vila, estimulam as práticas culturais; a mídia que recorre aos pescadores da Vila sempre que o assunto da pesca está em pauta; os estudantes e pesquisadores que vez em

quando aparecem para desenvolver atividades de pesquisa e extensão tendo a pesca ou os pescadores como centro de interesse; o próprio apelo turístico que incorpora à paisagem local do morro do careca as jangadas e redes de pesca, vendendo-a como produto a ser consumido. Nessa leva, os pescadores e suas famílias, assumindo, reforçando e valorizando sua identidade vinculada ao trabalho no mar, encontram meios alternativos de sobreviver e se adaptar à ordem vigente.

As experiências pessoais desses pescadores sugerem, por fim, mudanças na forma de vivenciar o tempo, buscando superar as barreiras existentes entre o trabalho e a vida. As interpenetrações entre os sentidos de trabalho e lazer estão presentes nas próprias falas dos pescadores artesanais, traduzindo a indissociabilidade de tais dimensões em suas vidas cotidianas (MONTEIRO, 2007). Se for possível considerar, como o faz Antunes (1999), que somente uma vida cheia de sentido no trabalho pode produzir uma vida dotada de sentido no lazer, o trabalho para os pescadores artesanais entrevistados muitas vezes parece aproximar-se do sentido atribuído ao próprio lazer, este materializado pela vivência lúdica num tempo por eles conquistado, apresentando-se marcado pela percepção de liberdade e aventura.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

CASCUDO, C. **Jangada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

DIEGUES, A. C. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.) **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.

FONSECA, A. C. M. **Histórias de pescador**: as culturas populares nas redes das narrativas. Tese de doutorado. João Pessoa: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Curso de Pós-graduação em Letras – UFPB, 2005.

LOMBARDI SATRIANI, L. M. **Antropologia cultural e análise da cultura subalterna**. Trad. Josildeth Gomes Consorte. São Paulo: Hucitec, 1986.

MALDONADO, S. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986.

MASCARENHAS, F. **Lazer como prática da liberdade**. Goiânia: Editora UFG, 2003.

MONTEIRO, S. V. A pesca artesanal nas praias urbanas de Natal: trabalho, lazer e práticas culturais. **I Reunião Equatorial de Antropologia e X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste** (Anais). Aracaju: UFS, 2007.